



A Comunicação como estratégia de mobilização social e ativismo animal: A experiência do Cine Direitos Animais

The Communication as a strategy for social mobilization and animal activism: The experience of Cine Animal Rights

Denise Santos de Oliveira¹

Resumo

O presente artigo tem como objetivo investigar o papel da comunicação como estratégia de mobilização social e ativismo animal a partir de análise de conteúdo dos vídeos exibidos no I Cine Direitos Animais. Trata-se de uma mostra de vídeos elaborados por alunos da disciplina “Mobilização Social e Direitos Animais”, ministrada pela primeira vez na Universidade de Brasília entre agosto e dezembro de 2019. A disciplina foi idealizada pelo Grupo de estudos sobre Direitos Animais e Interseccionalidades (Gedai).

Palavras-chave

Mobilização social, comunicação, videoativismo, ativismo animal, direitos animais

Abstract

The purpose of this article is to investigate the role of communication as a strategy for social mobilization and animal activism based on the analysis of the content of the videos shown in the I Cine Animal Rights. This is a show of videos prepared by students of the discipline "Social Mobilization and Animal Rights", given for the first time at the University of Brasilia between August and December 2019. The discipline was designed by the Study Group on Animal Rights and Intersectionalities.

Keywords

Social mobilization, communication, videoactivism, animal activism, animal, animal rights

Introdução

Os veículos de comunicação desempenham importante papel na construção da cidadania a partir da difusão de conteúdos relacionados aos diversos contextos socioambientais. Constroem uma agenda de pautas e fomentam discussões ligadas a transformações sociais,

¹ Denise Santos de Oliveira é bacharel em Comunicação Organizacional pela Universidade de Brasília (UnB)



culturais e políticas na sociedade. Possibilitam assim novas perspectivas para o debate político e tornam-se mecanismos fundamentais para a mobilização social.

Antes é necessário compreender o conceito de mobilização social. O termo foi definido por Toro e Werneck (1996) como um “processo de convocação de vontades para uma mudança de realidade, por meio de propósitos comuns estabelecidos em consenso”. (TORO; WERNECK, 1996, p. 5). De acordo com os autores, a comunicação é uma ponte nesse processo de convocação de vontades e estabelece esse elo a partir da união de ideais e lutas entre os diversos atores sociais.

Jünger Habermas, em sua teoria sobre o agir comunicativo, destaca a comunicação como forma de buscar entendimento mútuo no mundo social, em que os atores fazem um acordo e se juntam em uma conexão interativa em prol de um objetivo comum. (HABERMAS, 1989, p. 165). Nesse contexto, a comunicação é bastante almejada a partir de suas várias estratégias. Dentre elas, difundir informações, dinamizar a mobilização social, alcançar mais pessoas, potencializar as ações, promover a coletivização e registrar a memória do movimento. (HENRIQUES; BRAGA; COUTO E SILVA; MAFRA, 2007).

Com o advento das novas tecnologias e meios de comunicação, do início do século XX até os dias atuais, muita coisa mudou no mundo. Inclusive a forma dos cidadãos se relacionarem com essas tecnologias. Do rádio aos dispositivos móveis de comunicação digital, cresceu o nível de interatividade e houve uma descentralização na produção e difusão de novos conteúdos por meio da rede mundial de computadores, a internet. Tornou-se mais viável ao receptor, agora, também, propagar informações nessa teia. Essa mudança possibilitou o crescimento dos movimentos sociais e novos questionamentos dos cidadãos em relação aos meios de comunicação tradicionais. Até mesmo a credibilidade e a veracidade dos conteúdos propagados por esses meios começaram a ser questionados.

Representantes de movimentos e diversos segmentos da sociedade passaram, então, a apontar lacunas nas abordagens e representatividades dentro desses meios e a buscar outros holofotes, outras maneiras de serem ouvidos. “Os movimentos sociais, diante deste espaço midiático, procuraram transformar as lutas por reconhecimento em lutas por visibilidade”. (HENRIQUES; BRAGA; COUTO E SILVA; MAFRA, 2007). Um exemplo é a crescente luta, em todo o mundo, de ativistas, sobretudo ambientais, para tornarem visíveis suas lutas por causas como direitos da natureza, dos animais, das mulheres, LGBTQI entre outras minorias.



Uma luta se destaca: a luta abolicionista pelos direitos dos animais, ou ativismo animal. Este, especificamente têm agregado cada vez mais pessoas em nível mundial como os protetores de animais que atuam por meio de organizações não governamentais (Ongs), os vegetarianos / veganos, entre outras frentes. Essas lutas se opõem ao regime de servidão, sofrimento, destruição e atos de crueldade, ao qual são submetidas espécies animais, em sua maioria, animais destinados ao abate desde os primórdios dos tempos. No Brasil, ao longo de toda a história, os animais silvestres foram considerados inimigos dos homens e os domésticos eram destinados à servidão, de acordo como conta Laerte Levai no artigo “A Luta pelos animais no Brasil: Passos para o Futuro”. (LEVAI, 2012, p. 3).

Esses movimentos levantam a bandeira pela libertação desses animais não-humanos e lutam para que possam ser reconhecidos como sujeitos de direitos e vivam com dignidade. Este é um debate recente no âmbito jurídico, um processo em construção. O inciso VII do Art. 225 da Constituição Federal de 1988 foi, inicialmente, um marco para o entendimento da causa. O artigo se refere à proteção da fauna e da flora e veta práticas que “provoquem extinção de espécies ou submetam os animais a crueldade”. (BRASIL, 2020).

O ativismo animal vem se expandindo mundialmente com o uso de estratégias eficazes e mais dinâmicas de comunicação por meio da internet. A medida ajuda a dar visibilidade à causa, propõe a mudança de valores na sociedade, orienta os debates na sociedade pelos direitos animais e constrói novas referências e abordagens no conteúdo. (NEGRINI, OLIVEIRA, 2019, p.4).

Partindo dessa apresentação sobre Mobilização Social e Comunicação, o artigo pretende identificar o papel da comunicação no ativismo animal, estratégias e abordagens utilizadas nos vídeos do Cine Animal por meio de análise de conteúdo. A mostra se refere aos trabalhos em vídeo produzidos por alunos da disciplina “Mobilização Social e Direitos Animais”, ofertada pela primeira vez na Universidade de Brasília a partir de agosto de 2019.

Mobilização Social, Luta pela Libertação Animal e Veganismo

No livro Mobilização Social: Um Modo de Construir a Democracia e a Participação, os autores explicam que para que haja mobilização, é necessário focar no compartilhamento de informações, de forma que os atores envolvidos as repassem, sintam-se donos dessas informações, construam novos pontos de vista, ajam para transformar uma realidade e tornem-se mais participativos na sociedade. (TORO; WERNECK, 1996, p. 30).



Toro e Werneck reforçam o papel da comunicação para a mobilização social ao afirmarem que a comunicação é de natureza convocatória e um importante instrumento de coletivização, ou seja, capaz de gerar sentimento de coletividade. (TORO; WERNECK, 1996, p. 30). “Através da divulgação dos propósitos da mobilização e das informações e dados que justificam seus objetivos, a comunicação social contribui para ampliar as bases do movimento dando-lhe abrangência e pluralidade.” (TORO; WERNECK, 1996, p. 36). A mobilização social passa pelo processo de despertar de uma consciência e de uma necessidade de mudança de atitude e posicionamento em relação ao mundo. (TORO; WERNECK, 1996, p.43).

Nota-se esse processo na forma como os ativistas animais travam lutas com a finalidade de transformar a cruel realidade dos animais não-humanos em todo o planeta. No ponto central dessa discussão, está o crescimento do veganismo, definido pela pesquisadora Vanessa Negrini como “uma concepção filosófica e práxis social em busca de libertar os animais de qualquer espécie de todas as formas de opressão, preconceito, exploração e crueldade”. (NEGRINI; OLIVEIRA, 2019, p.4).

Na primeira tese de doutorado sobre Veganismo e Comunicação Pública defendida no Brasil, a pesquisadora destacou os números da pecuária no país. Somente no ano 2017, foram abatidos 30,8 milhões de bovinos, 43,2 milhões de suínos, 5,84 bilhões de frangos, e produzidos 34,06 milhões de peças inteiras de couro cru bovino, 4,2 bilhões de dúzias de ovos, e 33,5 bilhões de litros de leite segundo os dados do IBGE de 2018. Ela explica que por trás desses números, celebrados pela produção agropecuária brasileira, omitem-se informações importantes sobre o impacto negativo dessa produção ao meio ambiente e o desrespeito à vida desses animais. (NEGRINI, 2019, p.61).

Negrini enfatiza que o ativismo animal mobiliza as pessoas em torno da pauta, busca sensibilizar agentes e incluir a causa no debate público e nos meios de comunicação.

“Com essa exposição, com esse interesse popular, captado pelos meios de comunicação, os poderes constituídos são impelidos a dar respostas às demandas trazidas no debate público: proibição de testes em animais; rotulagem para mostrar produtos com componentes animais; proibição de exportação de gado vivo; incentivo à alimentação vegetariana; proibição de exploração animal na indústria de entretenimento, etc. (NEGRINI, 2019, p. 71).

Além de simples restrição alimentar, o veganismo é acima de tudo, um movimento ético, uma filosofia de vida, que questiona o uso dos animais, de forma geral, pela indústria



alimentícia, têxtil, de entretenimento, farmacêutica, cosmética, entre outras, busca conscientizar a população sobre estas práticas e pressionar pela abolição delas. Vale ressaltar ainda, que dentro do segmento de vegetarianismo, como regime alimentar, existem algumas variações de nomenclatura de acordo com o tipo de dieta adotada como ovovegetarianismo, lactovegetarianismo e ovolactarianismo. (NEGRINI, 2019, p. 79).

As mídias tradicionais e mercadológicas costumam “mascarar”, esconder esses processos cruéis aos quais os animais são submetidos e normalizam essa forma terrível de exploração. Por esse motivo, os veganos e ativistas animais fazem contraponto a esses meios utilizando seus próprios canais na internet, de forma independente, para divulgar a causa e “desmascará-los”. (NEGRINI, 2019, p. 65).

A ponte entre comunicação e ativismo animal reforça, também, a luta pelo direito à informação e a uma comunicação transparente e cidadã legitimados pelo Art.5 da Constituição Federal de 1988, sobre os direitos e deveres individuais e coletivos, e pela Lei de Acesso à Informação – LAI (Lei 12.527/2011). (NEGRINI; OLIVEIRA, 2019, p.3).

Ciberativismo e videoativismo como estratégia para o ativismo animal

A internet e seus variados canais têm estimulado cada vez mais a produção de conteúdos independentes. Assim, quem era apenas receptor, passa a também ocupar esse espaço e a produzir seu próprio conteúdo. A facilidade e expansão de novas ferramentas para a construção e divulgação de conteúdos em vídeo na rede mundial de computadores amplia ainda mais esse universo e têm chamado mais atenção dos internautas para a causa animal no mundo. “Todo ativismo social / digital é resultado de uma insatisfação ou necessidade de expressão individual ou coletiva, com o intuito de dar visibilidade a uma causa”, como aponta o pesquisador Lucas Milhomens. (MILHOMENS, 2012, p. 62).

A pesquisadora Ana Lúcia de Sousa aponta que, muitas vezes, os movimentos sociais e seus agentes de transformação são enquadrados de forma negativa pela grande mídia. O uso das mídias digitais por esses movimentos representa também uma resposta a essa abordagem. O uso do vídeo aproxima o público e é uma ferramenta eficaz na propagação da mensagem. “O vídeo online, circulando através das redes sociais, emergiu com força, questionando a narrativa dos grandes meios e transformando cada ativista num porta-voz da história”. (SOUSA, 2018, p. 41).



Ela classifica o videoativismo, desenvolvido pelos cidadãos e representantes de movimentos sociais, como uma ferramenta tática na lutar por justiça social e o equipamento de filmagem e captação de imagens como “um poderoso instrumento político”. (SOUSA, 2018, p. 42). Essa forma de ativismo na internet tem como objetivo gerar engajamento à medida que os atores sociais propõem e organizam ações de protesto na rede, “cyberações”, ligadas a interesses mútuos dos envolvidos. (LUVIZOTTO, 2016, p. 297). Sobre ativismo a autora Caroline Luvizotto (LUVIZOTTO, 2016) o define como:

“Entende-se o ativismo como tomar parte de uma ação objetivando a transformação social. Participar, atuar, discutir, deliberar e executar ações defendendo uma ideia, uma causa ou ideologia. Esta ideia pode ser política, social, religiosa ou de qualquer caráter de cunho identitário.” (LUVIZOTTO, 2016, p. 301)

O compartilhamento desses ideais em comum gera identificação, fortalece o sentimento de pertencimento e encoraja a participação desses atores na rede, tanto no âmbito individual como no coletivo. (LUVIZOTTO, 2016, p. 297). Ainda há a vantagem econômica do uso de mídias sociais, que reduz os custos da mobilização de atores sociais. (LUVIZOTTO, 2016, p. 299). Um sujeito que tenha um smartphone e contas registradas nas principais redes sociais como Facebook, Twitter, Instagram, Youtube e Whatsapp, dispõe de uma infinidade de recursos e possibilidades para mobilizar, sensibilizar e atingir outros usuários, potencialmente, sem ter que gastar com propagandas, impressão e distribuição de material gráfico.

Apesar da existência de problemas no ambiente virtual, como dificuldades relacionadas ao acesso à informação, controle e restrições de conteúdo, a internet ainda potencializa a interação entre os usuários, é rápida, dinâmica e rompe, cada vez mais, as barreiras geográficas. (LUVIZOTTO, 2016, p. 301). É papel, também, de todos, utilizar o potencial dessas ferramentas para travar uma luta por uma comunicação mais democrática, transparente na rede e por um ambiente virtual mais seguro, menos vigilante e que respeite o direito à privacidade.

Ativistas animais recorrem às redes para dar visibilidade às suas ações e constroem novos apontamentos para o problema mundial da exploração dos animais, mudanças climáticas, desequilíbrio ambiental, escassez dos recursos naturais, dentre outros. Perfis com a finalidade de esclarecer sobre veganismo e relacionados à proteção dos animais têm



chamado a atenção dos seguidores nas redes sociais. São os influenciadores digitais da causa como o ativista Fábio Chaves, idealizador do Vista-se, maior site sobre veganismo da América Latina. A conta do Vista-Se no Youtube possui mais de 150 mil inscritos. Somente no Instagram, são mais de 76 mil seguidores. (NEGRINI, 2019, p. 129). Outro caso é o da apresentadora de televisão e protetora Luisa Mell, que tem mais de três milhões de seguidores em sua conta do Instagram.

Casos recentes de pessoas famosas que se tornaram veganas (ou vegetarianas) repercutiram nas redes sociais. Entre elas, a apresentadora Xuxa Meneghel, o influenciador Filipe Neto, e, no âmbito internacional, o ator estadunidense Joaquin Phoenix. Sem contar a atuação de entidades de defesa dos animais como a Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB), a Frente de Ações pela Libertação Animal (FALA), Anominous for The Voices, World Animal Protection, Mercy for Animals, Agência de Notícias de Direitos Animais (ANDA), Pro-Anima, além de várias instituições que promovem ações como denúncia de maus tratos, resgate de animais para cuidado e adoção, campanhas de conscientização, buscam lar temporário para animais domésticos, mobilizam voluntários para manifestações etc. Todas essas ações ganham mais projeção, sensibilizam cidadãos a partir do momento em que disponibilizam conteúdos na internet.

Esses movimentos emergentes, aliados ao crescimento do vegetarianismo no mundo, pressionam o mercado para uma mudança de comportamento e geram novas demandas de consumo. Há uma abertura, sobretudo das novas gerações, nascidos a partir da década de 1980, a posicionamentos mais éticos e sustentáveis na sociedade de consumo. Graças a essa pressão, a questão alimentar foi posta em xeque. Tornou-se mais comum o questionamento sobre os padrões alimentares, foi possível um novo olhar sobre os animais, um grande passo para uma transformação na cultura e no comportamento. (NEGRINI, 2019, p. 21).

Historicamente, o vídeo documental, está intrinsecamente ligado às lutas dos movimentos populares. De acordo com o pesquisador e crítico de cinema Jean-Claude Bernardet, o gênero documental sempre foi um mecanismo que buscou colocar em evidência os problemas da sociedade, utilizado como modo de denunciar mazelas e gerar uma consciência crítica para a transformação social. (BERNARDET, 2003, p. 11). Aplicado ao ambiente virtual,



esse propósito de denúncia social, sobretudo, não se perde, como nota-se nos diversos vídeos propagados pelos ativistas animais na internet.

“No documentário animalista a imagem da tortura e da morte infligidas são recorrentemente exploradas”, é o que afirma a pesquisadora Bianca Dutra ao analisar a forma como filmes documentais abordam a questão dos direitos animais. (DANTAS, 2013, p. 264). Repetem-se cenas impactantes de todas as formas de exploração dos animais pelo homem. Há a ênfase na imagem do sofrimento e da morte desses animais, nos métodos de tortura adotados na linha de produção, carregando a denúncia da exploração animal. Segundo a autora, essa imagem “está inserida em um conjunto de modulação ética educativa”. (DANTAS, 2013, 281). Registros documentais desses processos cruéis, adotados contra a vida pela produção industrial, permitem aos internautas tirarem suas conclusões a partir de suas próprias observações. O vídeo documental é um contraponto fundamental à falta de transparência dos meios tradicionais que escondem esses fatos e minimizam o problema sem dar espaço para questionamentos.

A experiência do I Cine Direitos Animais

Entre agosto e dezembro de 2019, foi ofertada, pela primeira vez, na Universidade de Brasília, a disciplina Mobilização Pública e Direitos Animais. Iniciativa do Grupo de Estudos sobre Direitos Animais e Interseccionalidades (Gedai), a disciplina abriu vagas para toda a comunidade acadêmica. Ao longo do segundo semestre do ano 2019, vários palestrantes foram convidados para desenvolver discussões, com os alunos, referentes aos Direitos Animais, ao Veganismo e ao Direito Achado na Rua. Entre os palestrantes convidados, especialistas, ativistas e professores da Universidade de Brasília e do Instituto de Educação Superior de Brasília (IESB). Mais de cem ouvintes participaram das atividades da disciplina.

Sob o comando da professora e doutora em Comunicação, Vanessa Negrini, os alunos oficialmente matriculados receberam o desafio de desenvolver material audiovisual sobre algum tema discutido durante as aulas. Como projeto final, os vídeos produzidos fizeram parte da mostra I Cine Direitos Animais. É importante destacar que os trabalhos foram analisados por uma banca julgadora, da qual fiz parte, e premiados em dez categorias. Nos vídeos, produzidos em grupo e de forma independente, os estudantes, pertencentes a diferentes níveis e cursos, buscaram registrar suas ações de mobilização sociais desenvolvidas ao longo do semestre. As exhibições e cerimônia de premiação aconteceram na noite do dia cinco de dezembro de 2019.



Foram exibidos dez vídeos relacionados ao universo animalista, com diferentes abordagens a partir das experiências de mobilização social dos grupos. Fizeram parte da mostra as seguintes produções audiovisuais: “Arte e ativismo”, “Escola animal”, “Especismo”, “Cookies for Pets”, “PL Não compre, adote”, “Muralismo vegano”, “Quem é você na fila do RU”, “Dogação”, “Stand Cruelty Free” e “Dia Mundial do Veganismo”.²

Arte e ativismo: Produzido pelos alunos Adryelle Faccio, Bruna Ianka Bernardes, Giovana Silva, Pedro Martins, Vítor Ferreira e Mateus Costa, o vídeo mostra a experiência de mobilização social do grupo a partir da fixação de cartazes e distribuição de panfletos aos alunos dos diversos campi da Universidade de Brasília no Distrito Federal. A ação teve o objetivo de sensibilizar a comunidade acadêmica sobre o sofrimento dos animais no processo de abate e propor a adoção de uma dieta vegetariana com a finalidade de minimizar o impacto na vida dos animais não-humanos. O vídeo foi premiado com o troféu de “Melhor Storytelling”.

Escola animal: O maior grupo, composto pelos alunos, Amanda Pujani, Brenda Stuckert, Daniel Trujillo, Érica Castelo Branco, Kássia Vieira, Leonara Cruz, Nelize Muniz, Raquel de Souza, Renata Ferreira, Sarah Tavares e Gabriel Costa, levou o debate dos direitos animais para dentro de uma sala de aula de uma escola de Ensino Médio. Os produtores exibiram, nessas salas, vídeos sobre a causa animal e depois questionaram os estudantes sobre temas como senciência dos animais não-humanos, bem estar e proteção animal. A ação foi registrada em material exibido no I Cine Direitos Animais. O trabalho recebeu prêmio nas categorias “Melhor Edição” e “Melhor Mobilização Pública”.

Especismo: André Dornelas, Beatrice Mesiano, Flavia Barreto, Mariana Cinnanti e Luana Franco produziram vídeo impactante, sem locução e entrevistas, apenas com imagens justapostas e recursos sonoros. O vídeo traz uma sequência comparativa de imagens de animais em condições e tratamentos diferentes. Eles levantam o questionamento sobre o especismo, ou seja, questiona sobre como a sociedade escolhe favorecer um animal em detrimento de outro. O vídeo enfatiza a diferença da situação de animais em uma feira popular, onde se compra alimentos, e em uma feira de adoção, de animais de estimação. O vídeo foi contemplado na

² Os vídeos exibidos no I Cine Direitos Animais estão disponíveis no canal Gedai Direitos Animais, no Youtube. Acesso em 02 de janeiro de 2020, por meio do link: https://youtube.com/playlist?list=PLHmVeZ9xnl_J96RP3anWBqhJ3SKgdnyvb



categoria “Melhor Som”, por ter trabalhado efeitos sonoros que envolveram os espectadores em uma atmosfera de tensão.

Cookies for Pets: Com o objetivo de arrecadar recursos financeiros para ajudar um abrigo com quase cem animais, o grupo de dez alunos juntou forças e produziu 400 cookies veganos. Com a venda dos Cookies, os integrantes do grupo conseguiram arrecadar a quantia de mil reais e alcançaram objetivo final. Todo o processo de mobilização foi documentado no vídeo, classificado como “Dinâmica Mais Inovadora”. Participaram desta ação de mobilização Augusto Almeida, Bárbara Carvalho, Eder Monteiro, Gabriel Rodrigues, Giovana Naira, Josef Oliveira, Letícia Silveira, Luís Felipe Gentil, Natália Nascimento e Ruhama Pessoa.

PL Não Compre, adote: Os estudantes Dêner Junior, Jeórginys Rocha, Julliana Oliveira, Laura Bonvini e Maísa Souza apresentaram proposta legislativa ao portal E-Cidadania do Senado Federal de proibir a comercialização de animais domésticos no Brasil. No vídeo, o grupo entrevista transeuntes e questiona sobre a crença de que os animais não sentem dor e pergunta se apoiariam a ideia legislativa em discussão. O vídeo ganhou troféu de “Melhor Produção”.

Muralismo Vegano: Neste vídeo, o aluno Átila Perassa usou seus talentos artísticos para pintar um mural com temática vegana em um espaço público da cidade. Um material poético-visual que destacou, em cores fortes primárias, a imagem de um galo vermelho e os dizeres “Ética sensível ao cuidado e Considere o veganismo”. Com a ação, Átila levou para a rua, não só, o debate sobre veganismo e respeito aos animais, como também, sobre a ocupação do espaço público a partir de uma intervenção urbana. A produção teve apoio de Thalita Perfeito e Wemmerson Reis e recebeu título de “Melhor Imagem”.

Quem é você na fila do RU: Os estudantes Ana Paula Pereira, Júlia Garcia, Lucas Alencar, Luiza Nolêto, Tatiana Andrade e Uérica Mendes promoveram atividade com cartazes na frente do Restaurante Universitário (RU) do Campus Darcy Ribeiro da UnB. Nos cartazes, frases sobre a importância de se adotar um estilo de vida aliado ao veganismo. O vídeo mostra a ação e também entrevistas com participantes da intervenção. O registro audiovisual foi escolhido como “Melhor Trabalho em Equipe”.

Dogação: Escolhida pelo júri como a ação de “Maior impacto aos animais”, deu origem ao vídeo Dogação. O vídeo o esforço dos alunos Gabriela Dias, Sarah dos Anjos, Victoria Geist,



Edvaldo Batista e Evelyn Pereira para reunir esforços e mobilizar voluntários para ajudar no mutirão de limpeza e banho de animais no Abrigo Fauna e Flora. Com quase mil animais, este é um dos maiores abrigos existentes no Distrito Federal. O grupo de estudantes providenciou transporte para vinte e uma pessoas e arrecadou 250 quilos de ração, medicamentos, materiais de limpeza e itens para um bazar. O mutirão sempre no último domingo de cada mês.

Stand Cruelty Free: O vídeo nasceu da ideia de onze estudantes de criar no campus da UnB uma brincadeira, a partir de uma proposta de gamificação, com perguntas e respostas sobre produtos testados em animais. O objetivo da ação era de conscientizar e investigar o grau de conhecimento das pessoas sobre a exploração dos animais pela indústria cosmética e farmacêutica. O grupo foi formado pelos alunos Adriana Adelaide, Amanda Barreto, Andrea Malcher, Caroline França, Cleber Henrique Ferreira, Eduarda Castro, Eric Chagas, João Pedro de Abreu, João Victor Silvério, Júlia Portela e Naomi Luna. O grupo ganhou, pelo júri popular, o prêmio “Gedai de Honra”.

Dia Mundial do Veganismo: Contemplado como o prêmio “Gedai de Ouro” pelo conjunto da obra e pelo impacto, o vídeo “Dia Mundial do Veganismo” mostra uma ação de mobilização convocada e executada na Rodoviária do Plano Piloto, local com grande circulação de pessoas em Brasília. A ação proposta pelo grupo ocorreu no dia 1º de novembro de 2019, data em que se celebra o Dia Mundial do Veganismo, mobilizou ativistas, que levaram para o local uma grande faixa verde na qual leia-se “Considere o Veganismo”. O intuito era sensibilizar a população sobre o sofrimento animal, informar sobre os números assustadores do massacre de animais no Brasil e no mundo e lembrar que o veganismo pode ser um caminho para a transformação desse quadro. A ação repercutiu em portais como o Vista-se e Vegazeta. Fizeram parte desse projeto os alunos Elisa Ferreira, Júlia Navarro, Larissa Desirée e Letícia Hammes. A produção teve apoio de Ítala Negrini como colaboradora externa.

Considerações finais

A causa animalista e o veganismo crescem, vertiginosamente, no âmbito mundial, em virtude da contribuição dos ativistas pela libertação animal e o uso de estratégias eficazes de mobilização social e múltiplas abordagens. Esse movimento emergente utiliza o potencial de alcance das redes sociais para estimular, motivar, instigar, convocar pessoas a mudarem seus estilos de vida, lutarem por justiça social, igualdade e mais direitos.



Nesse sentido, a comunicação está intimamente relacionada ao conceito de mobilização social. Como pudemos observar nos conteúdos apresentados no I Cine Direitos Animais, o vídeo é uma importante ferramenta de denúncia por mostrar o que acontece nos bastidores, iluminar o que está nas sombras, oculto, longe dos olhos, sensibilizar e gerar empatia por quem está no campo visual. A câmera, seja de um simples aparelho celular ou de um equipamento mais profissional, vira uma extensão do olhar do espectador.

Os conteúdos disponibilizados na rede por esses ativistas mostram as mazelas e evidenciam o modo violento utilizado nesse processo de reduzir seres vivos a itens alimentícios, produtos nas prateleiras do mercado, meros objetos destinados ao prazer e ao consumo. Processos que movem a manivela do capitalismo, levados de forma automática, sem permitir a reflexão sobre as dores e os direitos desses animais. Nessa conjuntura, o vídeo documental, como ferramenta estratégica de comunicação, continua desempenhando papel essencial na desconstrução desses processos e os ciberativistas seguem, atentos e vigilantes, utilizando as redes para derrubar os muros da desinformação, construir pontes e fortalecer seus ideais.

Referências bibliográficas

ARANGUIZ, Dandara. *A construção de um espaço de mobilização social na internet e a luta pelos direitos animais: um estudo sobre a Anda*. Cadernos de Comunicação. Vol. 17. N.2. 2013.

BERNARDET, Jean-Claude. *Cineastas e imagens do povo*. São Paulo. Companhia das Letras. 2003.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, 2020. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Constituicao.htm. Acesso em 03 de janeiro de 2020.

DANTAS, Bianca. *O documentário ativista ambiental e animalista e a ética educativa da tradição documentária*. Revista Comunicação e Inovação. Vol. 13. N.24. 2012.

_____. A câmera oculta e a imagem da morte em Meet your Meat. In *Direito Animal e Cinema – Revista Brasileira de Direito Animal*. (pp. 263 – 283). 2013.

FERRIGNO, Mayra. *Veganismo e Libertação Animal. Um estudo etnográfico*. 2012. Campinas, SP. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

HABERMAS, Jürgen. *Consciência moral e agir comunicativo*. Tradução de Guido A. De Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1989. p. 236.

HENRIQUES, Márcio Simeones; Clara, BRAGA; Daniela Brandão, COUTO E SILVA; Rennan, MAFRA. *Relações Públicas em Projetos de Mobilização Social: Funções e Características*. In *Comunicação e Estratégias de Mobilização*. (Org.) HENRIQUES, Márcio Simeone. Editora Autêntica. 2007.



HENRIQUES, Márcio Simeone. *Comunicação e estratégias de mobilização social*. Autêntica, 2017.

LEVAI, Laerte Fernando. *A Luta pelos Direitos Animais no Brasil – Passos para o Futuro*. 3º Encontro Nacional de Direitos Animais (ENDA). Ano 7 | Volume 10 | Jan - Jun 2012.

LUVIZOTTO, Caroline. *Cidadania, ativismo e participação na internet: experiências brasileiras*. In *Comunicação e Sociedade*, vol. 30, 2016. pp. 297 – 312. doi: [http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.30\(2016\).2499](http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.30(2016).2499). Acesso em 10 de janeiro de 2020.

MILHOMENS, Lucas. Ciberativismo na Amazônia: Os desafios da Militância Digital na Floresta. (p. 62 – 76). SILVEIRA, Sergio; BRAGA, Sergio; PENTEADO, Cláudio (Orgs.) In *Cultura, Política e Ativismo nas Redes Digitais*. Editora Fundação Perseu Abramo. São Paulo, 2014. 342 p.

NEGRINI, Vanessa. *Sobre veganos e outros bichos: as estratégias de comunicação pública do ativismo animal*. 2019. 200 f., il. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

NEGRINI, Vanessa; Oliveira, Denise. *Direito à informação, direitos animais e veganismo*. Trabalho apresentado no GP Políticas e Estratégias de Comunicação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Belém, 2019.

RENÓ, Denis. *Vídeo-ativismo e a imagen documental cidadã*. 2015.

SOUSA, Ana Lúcia. *Video ativismo no Brasil: da rua à rede* (p. 41 – 46). In XIV Congreso de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de La Comunicación - ALAIC 2018. Comunicación Popular, Comunitaria y Ciudadania. Universidad de Costa Rica San Pedro. 2018.

SOUSA JR, José Geraldo de. (org.) *O Direito Achado na Rua*. 4. ed. Brasília: UnB, 1987

_____. *O Direito como Liberdade: O Direito Achado na Rua. Experiências Populares Emancipatórias de Criação do Direito*. Tese de Doutorado apresentada à Banca Examinadora como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Direito pela Faculdade de Direito da UnB. Brasília, 2008.

TORO, Bernardo; WERNECK, Nísia Maria. *Mobilização Social: Um modo de construir a democracia e a participação*. UNICEF Brasil, 1996. 90 pag.